O amor inclemente

Elisabete Thamer

Resenha do livro de Slavoj Žižek: *Die gnadenlose Liebe* [*O amor inclemente*]. Baden-Baden: Suhrkamp, 2001.

Slavoj Žižek, professor de filosofia na Universidade de Ljubljana (Eslovênia) e que nós conhecemos como autor de livros como *O mais sublime dos histéricos*, é considerado há algum tempo um dos mais inovadores teóricos da filosofia, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, onde ensina atualmente. Com uma produção impressionante, seus livros são rapidamente traduzidos em outras línguas, como é o caso do alemão, país no qual ele ganhou recentemente o renomado "Prêmio de pesquisa e ciências da cultura de Nordhein–Westfalen", por seu projeto "Antinomias da razão pós-moderna".

Um de seus últimos livros, publicado nesse país, intitula-se *O amor inclemente* (*Die gnadenlose Liebe*. Baden-Baden: Suhrkamp, 2001). O que se deslinda por trás desse título provocativo – aliás, uma de suas marcas registradas – é uma ampla análise do fenômeno da crença, para a qual concorrem elementos interpretativos tanto da filosofia (que inclui uma original releitura do idealismo alemão – uma de suas referências constantes) quanto da psicanálise e da cultura contemporânea, em que se destaca uma de suas paixões, o cinema.

Já na introdução, intitulada "Deus é inconsciente", Žižek nos anuncia a direção – bastante surpreendente – da análise que vai empreender: "Todos nós cremos intimamente. A posição de Lacan com relação a isso é clara e inequívoca: 'Deus é inconsciente', ou seja, é completamente natural que o homem ceda à atração da crença".

O livro tenta estabelecer os contornos dessa "representação" inconsciente da crença a partir de nossa experiência diária: do gnosticismo inerente à ideologia "Cyberspace", como desenvolvido no segundo capítulo, chamado "Contra a heresia digital", passando pelas diferentes versões de espiritualidade asiática ("O que nós podemos realmente aprender do Tibet?"), que apresenta o complemento ideal para o capitalismo global, até a teologia negativa do judaísmo, predominante na crítica

dos intelectuais contemporâneos, da Escola de Frankfurt aos desconstrutivistas ("Deus se aloja no detalhe" ou "Por que a iconoclastia judaica?"). *O amor inclemente* tenta confrontar essas múltiplas compreensões de mundo religiosas com o "coração-racional" do cristianismo.

A despeito da irreverência e das análises contumazes efetuadas pelo autor, que se autodefine como "um antiquado, um ateu incondicional (materialista dialético, aliás)", essa obra deixa transparecer um extremo respeito pelo(s) fenômeno(s) que examina. A irreverência de Slavoj Žižek, aliada a uma indiscutível capacidade de análise dos fenômenos da atualidade, transformam seus textos em preciosos instrumentos de reflexão para o psicanalista que, justamente, "por ser aquele que afirma a não existência do grande Outro, é um autêntico ateu".

Esperamos que, em breve, possamos contar com uma tradução de *O amor inclemente* em língua portuguesa, visto que suas reflexões, extremamente atuais, muito contribuiriam à análise dos fenômenos místico-religiosos tão significativos em nosso país e, por conseguinte, presentes no dia-a-dia da clínica psicanalítica. Ainda hoje, em uma resenha publicada no jornal espanhol *El País*, lemos que "Slavoj Žižek é um desses discretos laboratórios de idéias que pensam o que habitualmente não se pensa" (*El País*, 22 de junho de 2002, "El espíritu del materialismo", resenha do livro de Žižek *¿El frágil absoluto o por qué merece la pena luchar por el legado cristiano?*, por Reyes Mate).